

# Reflexões preliminares sobre a abordagem dialógico-discursiva da temática de gênero na Universidade

---

Ludmila Mota de Figueiredo Porto

**Resumo:** Este trabalho apresenta algumas reflexões preliminares sobre a importância de se discutir a temática de gênero nos cursos de letras da UEPB, como forma de abrir espaço para uma reflexão mais ampla sobre o lugar de discussão da diversidade de gênero na universidade. Trata-se de um texto ensaístico que visa a relacionar os estudos de gênero e a Teoria/Análise Dialógica do Discurso (BAKHTIN, 2003; BRAIT, 2006), a fim de desenvolver uma alternativa de abordagem da temática via discurso e, assim, contribuir futuramente para a formação de professores mais inclusiva.

**Palavras-chave:** Gênero. Universidade. Teoria/Análise Dialógica do Discurso. Formação de professores.

## Preliminary reflections on the dialogic-discursive approach to gender issues at the University

**Abstract:** This paper presents a preliminary reflection on the importance of gender discussion in the courses of letters in UEPB, as a means of introducing a broader reflection on the place occupied by the discussion on gender diversity in Brazilian universities. This is an essay that aims to relate gender studies to Dialogic Discourse Theory/Analysis (BAKHTIN, 2003; BRAIT, 2006), in order to present an alternative approach to the subject through discourse analysis for, thus, contribute to a most inclusive agenda to teacher training in the future.

**Keywords:** Gender. University. Dialogic Discourse Theory/Analysis. Teacher training.

---

Ludmila Mota de Figueiredo Porto é Doutora em Linguística (UFPE) e Professora do Departamento de Letras e Artes, Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba.

## Contextualização inicial

Já se tornou lugar comum a referência à discussão sobre as questões que envolvem gênero enquanto uma polêmica contemporânea. Por um lado, há um forte movimento de combate à chamada “ideologia de gênero”, termo que tem sua origem na nota publicada pelo ultraconservador monsenhor Óscar Alzamora Revoredo, na Conferência Episcopal do Peru, em 1998, e que se tornou referência para o posicionamento católico sobre a temática, sendo traduzido para diversos idiomas e citados pelo que Junqueira (2018, p. 469) denomina dessa “apologética produção discursiva antigênero”. Por outro, no âmbito de produção do conhecimento científico, os estudos de gênero vêm conquistando seu espaço a partir da contribuição dos estudos feministas e da Teoria *Queer*<sup>1</sup> (BEAUVOIR, 2019; BUTLER, 2016; CONNELL; PEARSE, 2015). Assim, o entrave entre os defensores do gênero enquanto um problema social a ser combatido e os defendem a agenda da diversidade de gênero enquanto uma questão social de luta pela igualdade entre pessoas caracteriza uma sociedade contemporânea bipartida.

No Brasil, essa mesma sociedade é palco de um número crescente de episódios de violência de gênero. De acordo com a pesquisa publicada no Atlas da Violência de 2017, entre 2005 e 2015, a taxa de homicídios no país, por 100 mil habitantes, aumentou de 26,1% para 28,9%. Com respeito à violência contra mulheres, esse percentual cresceu 7,3% no mesmo período (IPEA; 2017). Esses alarman-

---

1. Pensamento que defende a construção social tanto da sexualidade quanto do gênero, uma vez que foram repetidas tantas vezes e por tão longo período de tempo que foram tomadas como verdades absolutas (SILVA, 2019).

tes dados trouxeram a necessidade de promulgação da Lei 13.104/15 (BRASIL, 2015), a Lei do Feminicídio, que passou a tratar os homicídios contra a mulher como crimes hediondos, quando ocorrerem em âmbito familiar ou doméstico e envolverem o menosprezo à condição de ser mulher.

Ora, se é necessário que a lei interfira de maneira efetiva nessa situação social, torna-se fundamental, em tempos de intolerância e violência motivadas por questões de gênero na sociedade brasileira, erguer a bandeira da tolerância, da paz e do respeito, em busca de uma sociedade mais justa. Em outros termos, o aumento da violência contra a mulher no Brasil leva à urgência a discussão sobre gênero no país, a fim de compreender como as questões que envolvem gênero têm motivado essa violência.

No âmbito da discussão teórica, a mudança na compreensão sobre o conceito de gênero, que ganhou força na terceira onda do feminismo, sobretudo a partir das reflexões de Butler (2016), partiu do questionamento da mulher como um sujeito universal e resumida a seu sexo, voltando o olhar para as condições sociais dessa mulher, tendo em vista que as diversas identidades femininas sofrem opressões sociais também diversas. Desta forma, a luta pela igualdade de gênero, a partir do lugar de mulheres negras, pobres, lésbicas e socialmente desfavorecidas não pode ocupar o mesmo lugar da luta de mulheres brancas e de classe média, conforme historicamente se deu o movimento feminista na primeira e segunda ondas (SILVA, 2019).

Butler (2016) defende, ainda, que é imprescindível contestar a unidade do sujeito enquanto binário – homem *versus* mulher – já que a categoria de gênero, na pós-modernidade, é socialmente construída e, portanto, o gênero passa a ser uma interpretação múltipla do sexo. Nesse sentido, a categoria de gênero refrata o encapsula-

mento de sujeitos em sexos biológicos pré-determinados, abrindo espaço para o vivenciamento de identidades de gênero, muitas vezes, caleidoscópicas e fluidas. É nesse cenário que identidades transgênero e não binárias passam a ser abarcadas pela discussão filosófica e social na academia.

Assim, no vivenciamento atual daquilo que se convencionou chamar de quarta onda do feminismo, impulsionada pela crescente mobilização virtual de grupos que lutam pela igualdade de direitos entre os gêneros, as mulheres de países periféricos, como os da América Latina, ganham voz em sociedades marcadas por baixos indicadores de desenvolvimento socioeconômico e humano (SILVA, 2019), os quais são inversamente proporcionais aos índices de violência. A luta contra a misoginia passa a dividir espaço com a luta contra a transfobia no feminismo contemporâneo, e isso ocorre por que as pessoas que se identificam com diversas identidades de gênero vão sofrer consequências tão trágicas da intolerância e da violência quanto as mulheres em relações de desigualdade social.

É, pois, mediante uma conjuntura nacional marcada por discursos intolerantes e atitudes violentas contra mulheres, transgêneros, pessoas que se identificam como não binárias etc., que se mostra premente o combate à intolerância e à violência através da educação. Assim, a universidade, enquanto uma instituição de ensino, pesquisa e extensão, carrega em seu âmago a difícil tarefa de cuidar da formação da consciência política e social do estudante, além de fornecer uma educação superior que tem por finalidade a profissionalização e a iniciação à prática científica (SEVERINO, 2007).

No âmbito universitário, estudos sobre gênero vêm sendo conduzidos em várias áreas, a exemplo da Linguística, da Educação, da Sociologia, da Antropologia, da Literatura, do Direito, só para citar al-

gumas. Não obstante, muitos estudantes de letras ainda confundem os conceitos que envolvem a diversidade de gênero, a relação entre orientação sexual e gênero e o espaço que deve ser, ou não, destinado à discussão sobre gênero na universidade e na escola (PORTO; SILVA NETO, 2018). Nesse diapasão, é necessário compreender de forma sofisticada as dinâmicas de gênero, e produzir essa compreensão é compartilhar conhecimento sobre o assunto globalmente (CONNELL; PEARSE, 2015).

Defendemos, neste trabalho, que o conhecimento produzido pelo viés do discurso é fundamental para a compreensão de determinada situação social, já que a interação verbal é lugar de expressão do diálogo social. Nessa conjuntura, as enunciações sobre o conceito de gênero devem ser compreendidas com base na sua significação, no seu tema e, sobretudo, no acento apreciativo ou de valor que o sujeito utiliza para construir o seu discurso. É justamente a partir da compreensão ativa e responsiva dessas enunciações, em que o discurso do *eu* constrói sentidos em relação dialógica com o discurso do *outro*, que se torna possível uma aproximação do pesquisador com os sujeitos sociais de fala viva, representativos de uma sociedade (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012).

Especificamente nos cursos de licenciatura em letras, é fundamental compreender a temática de gênero, uma vez que a formação de professores com respeito à diversidade de gênero pode influenciar de maneira direta a sua atuação profissional, a partir de uma postura inclusiva e respeitosa. Com efeito, trata-se de uma necessidade educativa e também política, visto que a possibilidade de instituir um debate sobre gênero nas escolas tem provocado discussões controversas na sociedade civil, entre os que se colocam totalmente contra a abordagem do tema e aqueles que entendem o gênero como uma discussão importante a ser realizada na formação de novos cidadãos.

Apresentaremos a seguir a Teoria/Análise Dialógica do Discurso, proveniente da obra de Bakhtin e do Círculo (BAKHTIN, 1993; 2003; 2010; BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012; BRAIT, 2006; SAMPAIO *et. al.*, 2006), como uma abordagem pertinente, teórico e metodologicamente, para a compreensão do gênero a partir de sujeitos via linguagem. A ideia deste ensaio é, na verdade, expor brevemente essa abordagem, a partir de alguns de seus principais conceitos, criando um terreno fértil para discussões posteriores de base analítica. Por fim, serão feitas algumas considerações finais sobre estas reflexões preliminares que motivaram a continuidade desta pesquisa<sup>2</sup>.

## A Análise Dialógica do Discurso: uma abordagem possível para a compreensão de gênero

O conjunto das obras deixadas pelo Círculo de Bakhtin propulsionou o nascimento de uma Teoria/Análise Dialógica do Discurso, sustentada no ensaio de Brait (2006, p. 10), em seu embasamento constitutivo, como “a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável”.

Mas, para compreender a Teoria Dialógica e, conseqüentemente, a Análise Dialógica do Discurso e seu método, é preciso retomar o

---

2. Este texto é fruto do projeto de pesquisa intitulado: *Compreender gênero no curso de licenciatura em letras (língua portuguesa): uma questão necessária à formação de professores* (PIBIC/CNPq-UEPB, 2017-2018) (PORTO; SILVA NETO, 2018). Embora o projeto tenha sido concluído em julho de 2018, aqui serão apresentadas estas reflexões preliminares sobre a compreensão da temática, que motivaram um novo projeto de pesquisa (PORTO; MEDEIROS, 2019), o qual deu continuidade à discussão e ampliou a coleta de dados para os cursos de língua espanhola e língua inglesa da UEPB.

projeto filosófico de Bakhtin, tendo em vista que, em *Para uma Filosofia do Ato Responsável*, escrito no início da década de 1920, o autor já apresenta conceitos fundamentais de seu pensamento, os quais vão sendo aperfeiçoados ao longo do desenvolvimento de sua Filosofia da Linguagem (BAKHTIN, 2010). Nessa importante obra, destaca-se o conceito de ato concreto, base de sua Filosofia Primeira, que não se limita à verdade da ciência, que toma o mundo como um objeto teórico, como se ele não existisse concretamente:

Enquanto o mundo autônomo teórico, abstrato, alheio por princípio à historicidade viva singular, permanece fechado em suas próprias fronteiras, a sua autonomia é justificável e inviolável; são igualmente justificadas disciplinas filosóficas especiais como a lógica, a teoria do conhecimento, a psicologia do conhecimento, a biologia filosófica, que objetivam descobrir – teoricamente, isto é, segundo o conhecimento abstrato – a estrutura do mundo teoricamente cognoscível e seus princípios. Mas o mundo como objeto de conhecimento teórico procura se fazer passar como o mundo como tal, isto é, não só como unidade abstrata, mas também como concretamente único em sua possível totalidade; o conhecimento teórico visa, assim, construir uma filosofia primeira (*prima philosophia*) (BAKHTIN, 2010, p. 50).

Para Bakhtin (2010, p. 68), a Filosofia Primeira seria “uma doutrina não sobre a criação cultural unitária, mas sobre o existir-evento unitário e singular”. Desta forma, a Filosofia Primeira não se restringe à verdade teórica (o ideal da filosofia científica), que representa apenas uma parte da verdade, uma filosofia especializada, ela preconiza a existência de dois mundos: o mundo teórico e o mundo real, onde o ato responsável se realiza:

Portanto, esta filosofia teórica não pode pretender ser uma filosofia primeira, isto é, uma doutrina não sobre a criação cultural uni-

tária, mas sobre o existir-evento unitário e singular [...]. Para uma consciência participante e exigente, é claro que o mundo da filosofia contemporânea, o mundo teórico e teorizado da cultura, é, em certo sentido, real e tem validade, mas é igualmente claro que tal mundo não é aquele mundo no qual ela vive de fato e no qual o seu ato, responsavelmente, se realiza (BAKHTIN, 2010, p. 68-69).

A Filosofia Primeira, então, é uma filosofia do ato responsável, que é definido por Bakhtin (2010) como uma composição entre seu conteúdo-sentido e a realidade histórica do seu existir. Dessa forma, o ato só existe na confluência entre o que se disse teoricamente sobre ele e o valor que ele assume ao realizar-se em determinado momento, único e irrepetível. Assim, o ato responsável, seja em forma de um pensamento ou de uma ação, pressupõe sempre uma *assinatura* que lhe confere validade e reconhecimento:

Não é o conteúdo da obrigação escrita que me obriga, mas a minha assinatura colocada no final, o fato de eu ter, uma vez, reconhecido e subscrito tal obrigação. E, no momento da assinatura, não é conteúdo deste ato que me obrigou a assinar, já que tal conteúdo sozinho não poderia me forçar ao ato – a assinatura-reconhecimento, mas podia somente em correlação com a minha decisão de assumir a obrigação – executando o ato da minha assinatura-reconhecimento; e mesmo neste ato o aspecto conteudístico não era mais que um momento, e o que foi decisivo foi o reconhecimento que efetivamente ocorreu, a afirmação – o ato responsável, etc. (BAKHTIN, 2010, p. 94).

Este ser não pode definir-se em categorias de uma consciência teórica indiferente, mas de categorias da comunicação real, de um ato ético, nas categorias de uma vivência participativa na singularidade concreta do mundo. Essa participação concreta no mundo pressupõe a não-indiferença ao outro, que também ocupa seu lugar

no mundo e é insubstituível, ou seja, cada um ocupa um lugar central no mundo, este “*todo arquitetônico* [que] é disposto em torno de mim como único centro de realização do meu ato” (BAKHTIN, 2010, p. 118). Em direção a este todo arquitetônico convergem valores, significados e relações espaço-temporais, caracterizados a partir das relações de alteridade entre o eu-para-mim, o outro-para-mim e o eu-para-o-outro (PONZIO, 2010).

Para o filósofo (BAKHTIN, 2010), todo o ser humano tem um lugar insubstituível no mundo e, ainda que, de forma responsável, ele possa renunciar a si mesmo, este fato, do ponto de vista do sentido e da sua existência, não torna este mundo indiferente:

O mundo no qual eu, do meu lugar, no qual sou insubstituível, renuncio, de maneira responsável, a mim mesmo, não se torna um mundo no qual eu não estou, um mundo indiferente, no que diz respeito ao seu sentido, à minha existência: a abnegação é uma realização que abraça o existir-evento (BAKHTIN, 2010, p. 63).

Ao enfatizar o lugar insubstituível que todo o ser humano ocupa no mundo dos atos realizados, Bakhtin (2010) deixa claro que o acesso ao mundo (do conhecimento e, por conseguinte, da compreensão e do sentido) é orientado por uma relação de alteridade com o outro na consciência emotiva-volitiva participante do eu, em sua unicidade:

De fato o meu ato (e o sentimento como ato) se orienta justamente sobre o que é condicionado pela unicidade e irrepetibilidade do meu lugar. O outro, na minha consciência emotiva-volitiva participante, está exatamente no seu lugar [...]. A partir do lugar único que eu ocupo, se abre o acesso a todo o mundo na sua unicidade, e para mim, somente deste lugar (BAKHTIN, 2010, p. 104-106).

Em outra passagem da referida obra (BAKHTIN, 2010), pode-se observar que, para o autor, a relação de alteridade não se constrói apenas entre o *eu* e os *outros* imediatos, mas entre o homem e a sociedade, ao longo do tempo:

Não existe o homem em geral; existe eu, e existe um determinado, concreto, ‘outro’: o meu próximo, o meu contemporâneo (a humanidade social), o passado e o futuro das pessoas reais (da humanidade histórica real) (BAKHTIN, 2010, p. 106).

Também em outro importante texto, ao discutir a relação entre o autor e a personagem na atividade estética, Bakhtin (2003) defende que apenas a partir do *outro* é possível definir o *eu*, posto que apenas o *outro* possui um excedente de visão sobre o *eu*:

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver [...]. Esse *excedente* de minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. [...] Minha imagem externa não pode ser um elemento de caracterização para mim mesmo. Na categoria do *eu*, minha imagem externa não pode ser vivenciada como um valor que me engloba e me acaba, ela só pode ser assim vivenciada na categoria do *outro*, e eu preciso me colocar a mim mesmo sob essa categoria para me ver como elemento de um mundo exterior plástico-pictural único (BAKHTIN, 2003, p. 21; 32-33).

Diante do exposto, já se torna possível visualizar, na Filosofia da Linguagem de Bakhtin, a base da Teoria/Análise Dialógica do Discurso, pautada nas relações que se estabelecem entre sujeitos, sempre inacabados, que empregam seus atos – de ação, de pensamento, de sentimento, de linguagem etc. – a partir dos lugares que ocupam no mundo e em relação a outros sujeitos. Essas relações se estabelecem e se expressam através da plenitude da palavra:

A expressão do ato a partir do interior e a expressão do existir-evento<sup>3</sup> único no qual se dá o ato exigem a inteira plenitude da palavra: isto é, tanto o seu aspecto de conteúdo-sentido (a palavra-conceito), quanto o emotivo-volitivo (a entonação da palavra), na sua unidade. E em todos esses momentos a palavra plena e única pode ser responsavelmente significativa: pode ser a verdade (*pravda*), e não somente qualquer coisa de subjetivo e fortuito (BAKHTIN, 2010, p. 84).

Estendendo o seu pensamento para uma reflexão sobre os fundamentos filosóficos das ciências, em discussão posterior, no ensaio *Metodologia das Ciências Humanas*, Bakhtin (2003) defendeu que as ciências humanas tinham uma natureza diversa das ciências naturais e exatas e, por isso, não poderiam abordar seus objetos como uma coisa muda:

As ciências exatas são uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma *coisa* e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a *coisa muda*. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque,

---

3. Ser-Evento e existir-evento são traduções diferentes para o mesmo conceito. Apesar de a citação trazer “existir-evento”, optamos pelo primeiro termo, por acreditarmos ser uma expressão mais clara em língua portuguesa.

como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialogico* (BAKHTIN, 2003, p. 400, grifos do autor).

Para o autor (BAKHTIN, 2003), o objeto de estudo das ciências humanas é o sujeito que “não pode tornar-se mudo”, isto é, o sujeito que se expressa e que só pode ser estudado em relação ao *Outro*. Desta forma, o conhecimento nessas ciências deve ter uma natureza dialógica, uma vez que o sujeito é “o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2003, p. 395).

O dialogismo atravessa a constituição do próprio homem e, por consequência, a relação entre os textos por ele produzidos: “O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo”. Para a compreensão dos textos, então, é necessário aprofundar “seu sentido, com o auxílio de outros sentidos” (BAKHTIN, 2003, p. 399-401), considerando-se que o sentido vivo, resultante do enunciado concreto, é um evento não-reproduzível, visto que é fruto da interação verbal entre, no mínimo, dois interlocutores. O dialogismo é, portanto, a força motriz de toda forma de comunicação verbal.

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin/Volochínov (2012) elucida que uma das formas mais explícitas de manifestação do dialogismo é o discurso citado, definido como:

*O discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação. Aquilo de que nós falamos é apenas o conteúdo do discurso, o tema de nossas palavras. [...] Mas o discurso de outrem*

constitui mais do que o tema do discurso; ele pode entrar no discurso e na sua construção sintática, por assim dizer, ‘em pessoa’, como uma unidade integral da construção. [...] A enunciação do narrador, tendo integrado na sua composição uma outra enunciação, elabora regras sintáticas, estilísticas e composicionais para assimilá-las parcialmente, para associá-la à sua própria unidade sintática, estilística e composicional, embora conservando, pelo menos sob uma forma rudimentar, a autonomia primitiva do discurso de outrem, sem o que ele não poderia ser completamente apreendido (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 150-151, grifos do autor).

Qualquer que seja a natureza do texto a ser analisado – oral, escrita ou verbo-visual –, o dialogismo lhe é inerente, na medida em que a interação verbal é lugar de expressão de sujeitos, e não de coisas mudas (BAKHTIN, 2003). Neste norte, a consideração do sentido vivo é crucial no método dialógico-discursivo, que, a partir da exploração qualitativa dos textos e da subjetividade de sujeitos, proporciona uma forma de conhecimento de natureza sociocultural de sujeitos históricos através da linguagem (SAMPAIO *et. al.*, 2006) e tem-se mostrado bastante pertinente nos últimos anos (PORTO, 2010; 2015), tendo em vista que permite a compreensão do contexto sociocultural mais amplo, onde são produzidos e circulam esses discursos.

Ora, especificamente na temática que interessa a este trabalho, buscamos a multiplicidade de sentidos que circulam sobre gênero no âmbito social universitário, a fim de compreender de que maneira a diversidade de gênero vem sendo trabalhada na formação de professores de língua, nos cursos de licenciatura em letras. Segundo Bakhtin/Volochínov: “compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 137). É a partir dos discursos que são produzidos e circulam sobre gênero

nesse âmbito social que se torna possível, ao pesquisador, conhecer a realidade social desse contexto de formação de professores.

O pesquisador compreende o enunciado concreto, conforme sugestão de Bakhtin (2003), segundo o movimento dialógico de interpretação, que parte do relacionamento do texto com outros textos e contextos passados, ao passo que também antecipa a construção de outros textos e de futuros contextos. Nesse sentido, a compreensão pode ser subdividida em quatro atos:

- 1) A percepção psicofisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial);
- 2) Seu *reconhecimento* (como conhecido ou desconhecido). A compreensão do seu *significado* reprodutível (geral) na língua;
- 3) A compreensão de seu *significado* em dado contexto (mais próximo e mais distante);
- 4) A compreensão ativo-dialógica (discussão-concordância). A inserção no contexto dialógico. O elemento valorativo na compreensão e seu grau de profundidade e universalidade (BAKHTIN, 2003, p. 398, grifos do autor).

Assim, na análise dialógica dos discursos dos alunos de letras da UEPB sobre gênero, os signos devem ser compreendidos no âmbito da língua, mas não podem ser dissociados do contexto em que aparecem e, por fim, precisam estar inseridos no contexto dialógico, isto é, estar imersos nos sentidos atribuídos pelo *Outro*. Essa imersão no contexto dialógico é o que permite, propriamente, a compreensão dos discursos em determinada enunciação, ou seja, do seu sentido atual:

O significado lingüístico de uma enunciação dada é conhecido sobre o fundo de uma língua e o seu sentido atual, sobre o fundo de outras enunciações concretas do mesmo tema, sobre o fundo de opiniões

contraditórias, de pontos de vista e de apreciações [...] (BAKHTIN, 1993, p. 90).

Ainda para o autor (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012), o enunciado possui tema e significação. O tema é o “sentido da enunciação completa” que “se apresenta como a expressão de uma situação histórica concreta que deu origem à enunciação” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 133), e a significação tem relação com a memória carregada pela palavra. O estudo do enunciado concreto, então, parte da significação, mas deve tender para a compreensão do tema:

A investigação da significação de um ou outro elemento linguístico pode, segundo a definição que demos, orientar-se para duas direções: para o estágio superior, o tema; nesse caso, tratar-se-ia da investigação da significação contextual de uma dada palavra nas condições de uma enunciação concreta. Ou então ela pode tender para o estágio inferior, o da significação: nesse caso, será a investigação da significação da palavra no sistema da língua, ou em outros termos a investigação da palavra dicionarizada (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 136).

Ressalta-se, porém, que a memória traz determinada estabilidade à palavra, ligando o tema àquilo que o precede e o que o sucede e, ao ser atualizada no uso concreto da língua, a palavra recebe um novo acento apreciativo, constituindo-se enquanto um signo:

Toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou *apreciativo*, isto é, quando um conteúdo objetivo é expresso (dito ou escrito) pela fala viva, ele é sempre acompanhado por um acento apreciativo determinado. Sem acento apreciativo, não há palavra. [...] Toda enunciação compreende antes de mais nada uma *orientação apreciativa* [e] em qualquer enunciação, por maior

que seja a amplitude de seu espectro semântico e da audiência social de que goza, uma enorme importância pertence à apreciação (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 137-140, grifos do autor).

A observação, a descrição e a análise dos temas e dos acentos apreciativos que recaem sobre o conceito de gênero, provenientes dos questionários e entrevistas semiestruturados com alunos de letras de UEPB<sup>4</sup>, *campus* I, dos turnos diurno e noturno, tornará possível um olhar mais completo e abrangente sobre a temática. A partir dessa análise, serão suscitadas as relações dialógicas que se estabelecem com o discurso do *Outro*, tendo em vista que, como dizia Bakhtin/Volochínov (2012, p.137): “compreender é opor a palavra do locutor uma *contrapalavra*”.

Conforme Brait esclarece, a partir das contribuições do legado de Bakhtin e do seu Círculo, o desenvolvimento da Teoria/Análise Dialógica do Discurso e, conseqüentemente, do método dialógico-discursivo de análise clama por um conjunto de conceitos e categorias que “especificam uma *postura dialógica* diante de um *corpus discursivo*, da metodologia e do pesquisador” (BRAIT, 2006, p. 29, grifos do autor). Desta forma, embora as categorias de *dialogismo*, *tema* e *acento apreciativo* tenham sido lançadas como possíveis balizadoras deste estudo, a análise do discurso dos estudantes de letras sobre a temática de gênero poderá requerer outras categorias da Teoria, uma vez que “a partir de um ponto de vista dialógico, de um embate”, é preciso “deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido” (BRAIT, 2006, p. 24).

---

4. Os dados coletados nesta pesquisa serão analisados juntamente com os da pesquisa de 2018/2019 (PORTO; MEDEIROS, 2019), cujos primeiros resultados serão apresentados no XXVI Encontro de Iniciação Científica da UEPB, que ocorrerá entre 22 e 24 de outubro de 2019.

Assim, no método dialógico-discursivo de análise qualitativa, a compreensão é construída a partir do entrelaçamento de sentidos que se revelam em relação dialógica. Compreender esses sentidos sobre gênero é, pois, o primeiro passo para se compreender os sujeitos que ocupam os lugares de futuros professores de língua no ensino básico.

## Considerações finais

Neste ensaio, procuramos apresentar algumas reflexões preliminares sobre a importância de se discutir a compreensão de gênero nos cursos de letras da UEPB, como forma de abrir espaço para uma reflexão mais ampla sobre o lugar de discussão da diversidade de gênero na universidade.

Para isso, contextualizamos inicialmente a temática, através da recuperação de dados sobre a violência de gênero no Brasil. Em seguida, situamos historicamente os estudos de gênero no movimento feminista, sobretudo a partir da segunda onda do feminismo, para então apresentarmos as preocupações com a diversidade de gênero na contemporaneidade.

Conforme discutido, o aumento da violência contra a mulher no Brasil leva à urgência a discussão sobre gênero no país, a fim de compreender como as questões que envolvem gênero têm motivado essa violência. Além disso, com a ampliação da compreensão de gênero a partir da terceira onda do feminismo, a luta contra a misoginia passa a dividir espaço com a luta contra a transfobia e contra o preconceito em relação aos sujeitos que se identificam como não binários, posto que essas pessoas estarão igualmente ou até mais suscetíveis

às consequências trágicas da intolerância e da violência quanto as mulheres em relações de desigualdade social.

Diante de discursos intolerantes e atitudes violentas contra mulheres, transgêneros, pessoas que se identificam como não binárias etc., defendemos que a educação é fundamental para o combate à intolerância e à violência de gênero. Nesse cenário de produção de conhecimento, propusemos a abordagem do tema a partir da Teoria/Análise Dialógica do Discurso, apresentada com base nas origens filosóficas do pensamento bakhtiniano, estendendo-se aos principais conceitos para se pensar o gênero a partir do discurso: dialogismo, compreensão ativa e responsiva, significação, tema e acento apreciativo.

Todo esse percurso teórico culminou na apresentação do método dialógico-discurso de análise, uma forma de conhecimento de sujeitos históricos via linguagem (SAMPAIO *et. al.*, 2006). Acreditamos que, a partir da contribuição dessa teoria e método, tornar-se-á possível compreender a temática de gênero dialogicamente em seus diversos matizes, de forma que a compreensão dos discursos dos sujeitos entrevistados nos cursos de licenciatura em letras da UEPB possa indicar caminhos para se pensar a representação de um coletivo, o que futuramente servirá de base para refletir sobre uma formação de professores mais inclusiva quanto à diversidade.

Defendemos, por fim, uma postura científica politicamente comprometida, mediante a necessidade de tratar gênero não apenas como uma questão pessoal que diz respeito à igualdade entre as pessoas, mas como uma questão social ampla que põe em relevo a desigualdade, a violência e o desrespeito aos direitos humanos.

## Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. O discurso no romance. In: \_\_\_\_\_. *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP, 1993.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Trad. do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. 2010. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro & João editores.

BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 13ª ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: A experiência vivida*. Tradução Sérgio Milliet. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BRAIT, B. Análise e Teoria do Discurso. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

BRASIL. Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015. Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos. *Diário oficial da União*, Brasília, DF, 10 mar. 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/lei/L13104.htm)>. Acesso em: 01 set. 2019.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Coleção Sujeito & História. 11ª ed. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CONNELL, R.; PEARSE, R. *Gênero: uma perspectiva global*. 3ª ed. Trad. E revisão técnica: Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

IPEA. Atlas da violência 2017. In: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <[http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/IPEA\\_FBSP\\_atlasdaviolencia2017.pdf](http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossies/fontes-e-pesquisas/wp-content/uploads/sites/3/2018/04/IPEA_FBSP_atlasdaviolencia2017.pdf)>. Acesso em: 0 de set. 2019.

JUNQUEIRA, R. D. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Psicologia política*, vol. 18, nº 43, p. 449-502, set./dez., 2018.

PONZIO, A. A concepção bakhtiniana do ato como dar um passo. In: BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro & João editores, 2010.

PORTO, L. M. F. *Análise dialógico-discursiva da atividade dos cuidadores de idosos em instituições geriátricas do Recife*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2010.

\_\_\_\_\_. *Manuais do cuidador: uma abordagem ergolinguística do envelhecimento humano*. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2015.

PORTO, L. M. F.; SILVA NETO, J. M. *Compreender gênero no curso de licenciatura em letras (língua portuguesa): uma questão necessária à formação de professores*. Relatório final de pesquisa. Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Letras e Artes, julho de 2018.

PORTO, L. M. F.; MEDEIROS, M. S. *Ainda sobre gênero: uma abordagem quantiquantitativa para se pensar a formação de professores*. Projeto de Pesquisa. PIBIC, CNPq/UEPB, 2018-2019.

SAMPAIO, M. C. H. et al. 2006. *O método dialógico-discursivo: aplicações em estudos da memória-trabalho*. Trabalho completo. Anais do Simpósio Internacional – Métodos Qualitativos nas Ciências Sociais e na Prática Social, Recife, 2006a. Em Cd-Rom.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23<sup>a</sup> ed., rev. e atual., São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, J. M. *Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda*. Recife: Independently Published, 2019.